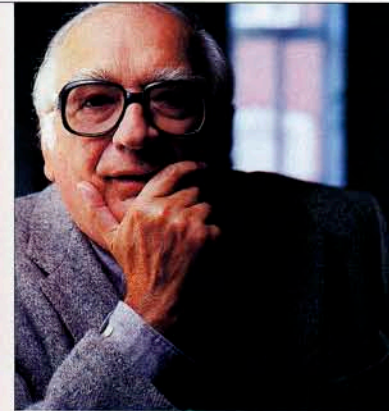


Ao lado da inteligência



Eu tenho a consciência que vivi noutra época e o que agora estamos a viver não tem nada que ver com aquilo que vivi. Acontece é que no subsolo de tudo isso permanece o mesmo ser humano com a sua personalidade ao sabor do tempo, dos costumes, das mentalidades e, no meio de tudo isso, uma certa capacidade de se afirmar como um ser com uma identificação própria. Não desejarei ser mais ninguém, o que não significa qualquer valorização especial de mim próprio, mas pela consciência de que tenho um destino individual. Recordo sempre a frase de Martin Buber: “Deus não me pedirá contas de não ter sido Francisco de Assis ou mesmo Jesus Cristo. Deus vai-me pedir contas de eu não ter sido completa e intencionalmente Martin Buber.” É isso: só quero ser eu e isto não significa que eu tenha uma boa ideia a meu respeito. É porque acho que o mais importante é a minha individualidade que é feita da minha história pessoal. Outro dia uma jornalista muito querida perguntava-me numa

entrevista: “O António não queria ser o Borges?” Eu disse logo que não, que não queria ser ninguém, queria ser eu.

Como sabem, as probabilidades matemáticas de existirem duas pessoas iguais estão avaliadas em um sobre 250 biliões, o que significa que são praticamente nulas. Por isso me parece que para criar uma relação com Deus, cada um parte de uma realidade sem precedentes. Tem de inventar o seu caminho em relação a esse fim que é também o de todos os outros. Esta é a razão do seu risco mas também da sua fé, da sua solidão à partida mas também da sua solidariedade na esperança.

De resto, a nossa relação com uma ciência ou qualquer forma de conhecimento tem pouco que ver com a inteligência, embora esta dê sempre muito jeito a quem a tem.

Subjacente ao tempo, há realidades que se apoderam do inteligente e do estúpido assim como a gripe pega o doente e o são.

Cada vez estou mais convencido de que, subjacente ao tempo, há realidades que se apoderam do inteligente e do estúpido assim como a gripe pega o doente e o são.

Acreditem: há o espírito do tempo que influi no pensamento e na vida independentemente do grau de inteligência de cada um. Uma vez, no *Nouvel Observateur*, vinha um *cartoon* que me deu que pensar. São dois pacatos cidadãos que vão pela rua fora e, a certa altura, diz um para o outro: “Tu eras stalinista em 1950!” O outro dizia humildemente: “Não era eu, era a época.”

Não tenham dúvidas: há ondas de estupidez que atravessam uma época e que levam o inteligente e o estúpido às mesmas posições de pensamento e acção, que são naturalmente inacessíveis à pessoa inteligente mas que o espírito do tempo obriga o indivíduo a aceitar. A mim, aconteceu-me isso com o marxismo. Nunca aderi ao marxismo mas era um companheiro de estrada desse grupo onde víamos o futuro.

Confesso que a minha tentação marxista não era intelectual. Era uma consciência moral preocupada pelas injustiças do mundo que eu não via quem empenhadamente se preocupasse com elas. Era um condicionamento sentimental que, naturalmente, era comandado por coisas que não tinham que ver com a inteligência. Mais: os mais inteligentes da minha geração estavam ligados ao marxismo, nem sempre com um compromisso efectivo mas com uma adesão sentimental que nos dava boa consciência. Não tenham dúvidas: a minha geração deu pouco apoio à inteligência. ■